



*Parazoanthus axinellae*  
coral amarelo na gruta das 5 Ribeiras.  
Foto: Simone Marques.

# BIODIVERSIDADE MARINHA DOS AÇORES

JOÃO PEDRO BARREIROS\*

\*PROFESSOR AUXILIAR COM AGREGAÇÃO | DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
UNIVERSIDADE DOS AÇORES | JOAOPEDRO@UAC.PT



Barracudas  
Foto: João Pedro Barreiros

**O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES LOCALIZA-SE PERTO DA CRISTA** meso-atlântica estando as ilhas dos grupos central e oriental localizadas na microplaca dos Açores e as do grupo ocidental na placa americana. A latitude média do Arquipélago ronda os 39°N, ou seja, quase a mesma de Lisboa ou de Nova Iorque. Nestas cidades, os Invernos e Verões são rigorosos, mais em NY do que em Lisboa mas a amplitude térmica das nossas ilhas é baixa e as temperaturas variam entre valores de conforto térmico tanto no Inverno como no Verão.

Por outro lado, a água do mar raramente desce abaixo dos 17°C no Inverno e atinge médias de 23-24°C no Verão.

É precisamente esta característica climática que permite que a diversidade marinha dos Açores apresente aspectos únicos, nesta região do Atlântico, transformando-a, simultaneamente, num conjunto faunístico de características marcadamente subtropicais.



*Vejas Sparisoma cretense.*  
Foto: Osmar J. Luiz Jr.

Outro aspecto extremamente interessante, tem a ver com a ocorrência, nos Açores, de espécies de várias proveniências: tropicais e subtropicais (p.ex. vejas, barracudas); Mediterrânicas (p.ex. cavacos, badejos) e de águas temperadas frias (p.ex. abróteas, bodeões-vermelhos). Este facto levou a que muitos autores apelidassem os Açores como sendo a “encruzilhada do Atlântico”, precisamente por, aqui, se encontrarem espécies de tão diversas origens e que formam um conjunto marinho absolutamente único.

Na ZEE dos Açores conhecem-se, até agora, cerca de 520 espécies de peixes marinhos. A título de curiosidade, em 1997 estavam listadas 463. É lícito admitir-se que aquele número possa aumentar regularmente e, este ano, pelo menos mais duas espécies de peixes e uma de cetáceos foram dadas como novas para a região e estão em processo de publicação em revistas científicas da especialidade.

No caso dos invertebrados, esse número é ainda maior sendo que muitas espécies entretanto detectadas nas nossas águas são de origem Caribenha embora, neste caso, tais ocorrências possam ter a ver com introduções involuntárias, nomeadamente através do transporte em águas de balastro de navios.

Ao contrário do que muita gente pode imaginar, os Açores possuem colónias importantes de corais, tanto Mediterrânicos como de origem Macaronésica ou Norte-Africana, que, embora não formem recifes, colonizam vastas áreas incluindo grutas mesmo a baixas profundidades.

Também existem alguns endemismos marinhos Macaronésicos tais como o badejo das ilhas (*Mycteroperca fusca*), o peixe-cão (*Bodianus scrofa*) e mesmo uma espécie apenas ocorrente nos Açores – embora ainda sob verificação – o Bodeão-azul (*Centrolabrus coeruleus*). O tubarão *Scymnodon latias licha* – do qual apenas se conhecem dois exemplares

em todo o Mundo, foi descrito em 1988 a partir de um exemplar capturado nos Açores sendo conhecido, em inglês, pelo nome Azorean Dogfish.

**JUNTAMENTE COM AS GALÁPAGOS, SRI LANKA E NOVA ZELÂNDIA**, os Açores são um dos quatro lugares do Mundo onde ocorrem mais espécies de Cetáceos – cerca de 24 – tendo um grande grupo da espécie tropical *Lagenodelphis hosei* sido fotografada, este ano, ao largo do Pico.

Assim, nos Açores podem observar-se, é certo que umas mais frequentemente do que outras, 24 a 25 espécies de Cetáceos das 83 descritas no Mundo. Este património, base da crescente indústria de Observação de Cetáceos, tem como espécie emblemática o cachalote (*Physeter macrocephalus*) mas a observação de espécies como o golfinho-comum (*Delphinus delphis*), golfinho-pintado (*Stenella frontalis*), golfinho-roaz (*Tursiops truncatus*), Grampo ou Moleiro (*Grampus griseus*) ou até, embora com menos regularidade, baleias-azuis (*Balaenoptera musculus*), baleias-comuns (*Balaenoptera physalus*), baleias-piloto (*Globicephala macrorhynchus*) e mesmo os dificilmente observáveis – não por serem raros mas por raramente se aproximarem de embarcações e frequentarem águas muito profundas – Ziphiidae ou baleias de bico: *Hyporoodon ampulatus*, *Mesoplodon* sp. e principalmente *Ziphius cavirostris*, constituem um manancial de estudo e de observação lúdica que não tem qualquer paralelo no Oceano Atlântico.

Nas nossas águas é igualmente comum observarem-se tartarugas marinhas, sobretudo a tartaruga-bôbo ou comum (*Caretta caretta*) que vagueia pelos nossos mares durante um período de maturação e crescimento dirigindo-se depois, ao aproximar-se a idade adulta, para oeste, mais concretamente para as Caraíbas, Golfo do México e Florida. Menos comuns



Lagostas e cavacos.  
Foto: João Pedro Barreiros

mas igualmente ocorrentes nos Açores, podem encontrar-se outras tartarugas, nomeadamente a maior de todas – a verdadeiramente gigantesca tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*) bem como as conhecidas tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) e a rara *Lepidochelys kempii* – que não tem nome comum entre nós.

A zona de entre-marés dos Açores é, também, particularmente interessante sobretudo devido às colónias das apetecíveis cracas (*Megabalanus azorica* – uma espécie endémica) e das apreciadas lapas (*Patella ulyssiponensis*). Ambas colonizam áreas, principalmente a primeira, que, no Continente, estão ocupadas por mexilhões e percebes sendo que os “bezanos” que aparecem fixos em objectos flutuantes são de uma outra espécie – *Lepas anatifera*.

Finalmente, importa referir que, não havendo na Região plataforma continental, a proximidade do Oceano profundo, o maior ecossistema do Planeta e o menos conhecido – apenas cerca de 1% foi estudado pelo que se sabe mais sobre a Lua do que sobre esta vasta região – permite um intercâmbio diário, que designamos de migrações verticais, de animais de superfície que se alimentam nas profundidades e de animais dessas profundidades que, de noite, migram para se alimentarem nas águas menos profundas e mais ricas em alimento. O oceano profundo, tudo o que se situa abaixo dos 1.500m, sendo tão desconhecido mas interagindo com zonas costeiras dos Açores muito perto do litoral, permite, também, a formação de comunidades únicas e o estudo de espécies misteriosas a maior parte das quais com ciclos de vida e aspectos ecológicos totalmente desconhecidos. Nessa fronteira, aqui tão próxima, de “mundos” diferentes, os Açores constituem, tal como outros montes submarinos e ilhas oceânicas, um local privilegiado para o estudo dessas interacções e uma “janela” de investigação inestimável.

*O autor recusa-se a escrever conforme o novo acordo ortográfico.*